

ANO 2 - NÚMERO 18 - ABRIL 2016

# Xapuri

**SOCIOAMBIENTAL**

R\$ 10



## *O Futuro do Planeta Terra*



**POVOS INDÍGENAS**  
POPULAÇÃO YANOMAMI  
CONTAMINADA POR MERCÚRIO  
p. 38

**MITOS E LENDAS**  
O MITO DO ROMÃOZINHO  
p. 42

**SUSTENTABILIDADE**  
CONSELHOS ECOLÓGICOS  
DO PADRE CÍCERO ROMÃO  
p. 44





**NOSSOS POVOS INDÍGENAS  
NOSSO ORGULHO**

**Abril Indígena - Não à PEC 215!**



“ **Meus olhos arregalados  
não piscam pra qualquer um  
nem fecham pra qualquer medo** ”

Martha Medeiros

#### COLABORADORES/COLABORADORAS ABRIL

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo e Antropólogo; Antenor Pinheiro – Jornalista; Eduardo Pereira – Produtor Cultural; Iêda Vilas-Bôas – Doutoranda em Literatura, Escritora; Jacy Afonso – Sindicalista; Jaime Sautchuk – Jornalista, Escritor; Janete Faria – Fotógrafa; Leonardo Boff – Filósofo, Teólogo, Escritor; Marcos Wesley/ISA – Fotógrafo; Néio Lúcio – Fotógrafo; Thiago Brito Reis de Miranda – Publicitário; Wellyton Rodrigues – Ilustrador; Zezé Weiss – Jornalista.

- |                         |                      |
|-------------------------|----------------------|
| 1. Jaime Sautchuk       | 8. Juan Pratginestòs |
| 2. Zezé Weiss           | 9. Elson Martins     |
| 3. Altair Sales Barbosa | 10. Neusimar Coelho  |
| 4. Binho Marques        | 11. Ronei Alves      |
| 5. Cássia Oliveira      | 12. Rui Faquini      |
| 6. Graça Fleury         | 13. Ieda Vilas-Bôas  |
| 7. Jacy Afonso          | 14. Trajano Jardim   |

## CONSELHO EDITORIAL



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental

Telefone: (061) 9974-3761. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9974-3761; Eduardo Pereira (61) 9829-1020. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9926-0445 e Zezé Weiss (61) 9974 3761. Capa: Foto Rogério Alves/TV Senado; Revisão de Textos: Lúcia Resende e Zezé Weiss. Revisão de design: Eduardo Pereira. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins – auxiliar de serviços administrativos. Tiragem: 20.000 exemplares. Mídias Sociais: Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Circulação: Revista Impressa – Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Tocantins. Revista Web - Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

**P**or mais que as pesquisas científicas evoluam, até o momento não há indícios de vida inteligente em nenhum outro canto do Universo, a não ser aqui, na Terra. Seria, talvez, um local divino.

No entanto, se houver o Céu em que a maioria dos terráqueos acredita, podemos ter a certeza de que esse espaço da salvação eterna não é aqui, na Terra. Cada vez mais, em verdade, as pessoas de bem levantam dúvidas sobre o futuro do Planeta.

O sonho da liberdade, fraternidade e igualdade, imortalizado pela Revolução Francesa, no século 18, parece cada vez mais distante. As guerras e golpes tolhem a liberdade, o individualismo sufoca a fraternidade e a ganância aniquila a igualdade.

Ao mesmo tempo, a maneira com que tratamos esse minúsculo pedacinho do Universo, do ponto de vista ecológico, apenas reforça essa tendência. A qualidade de vida, em vez de melhorar, parece degradar dia após dia.

É esse o tema central desta edição nº 18 da Xapuri Socioambiental.

Mas tem muito mais. Em versos, suas páginas remontam a história de Romãozinho, o menino serelepe que, segundo contam, ainda hoje percorre telhados e rouba o peito de frango em panelas descuidadas.

Lembra, também, que as eleições municipais que se avizinham são uma chance de selecionar candidatos comprometidos com a qualidade de vida das comunidades. E que os viadutos que tomam conta das cidades nem sempre são necessários.

Você, que nos brinda com a leitura, vai saber ainda dos males que a mineração ilegal traz aos índios Yanomami, no extremo Norte do País. E muito mais sobre cultura, turismo, culinária e pessoas vivas ou em memória.

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**  
Editores



# Xapuri 18

SOCIOAMBIENTAL

ABR 16

11

**CURIOSIDADES**  
Você sabia?

25

**GASTRONOMIA**  
O cuscuz, o pão do sertanejo

12

**CAPA**  
O futuro do planeta Terra

28

**EDUCAÇÃO**  
Luta do Sintego  
faz governo de Goiás recuar

18

**CIDADANIA**  
Município para as pessoas  
Uma plataforma para a ação cidadã

32

**PERFIL**  
Graça Fleury,  
educadora por natureza

09

**CURTAS**

34

**ECOTURISMO**

Vida pacata em Olhos D'Água

20

**UNIVERSO FEMININO**

Afrodite

22

**MEMÓRIA**

Clodomir de Moraes,  
um grande guerreiro

38

**POVOS INDÍGENAS**

População Yanomami  
contaminada por mercúrio

26

**URBANIDADE**

No meio do caminho  
tinha um viaduto

42

**MITOS E LENDAS**

O Mito do Romãozinho

31

**CULTURA ECOLÓGICA**

Ritxòkò, a boneca Karajá

44

**SUSTENTABILIDADE**

Conselhos ecológicos  
do Padre Cícero Romão

**Xapuri** - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

[www.xapuri.info](http://www.xapuri.info)



## Mensagens pra Xapuri

*Estou muito feliz por conhecer esta tão especial revista!  
Maria de Graça Melo, São Luís - Maranhão*

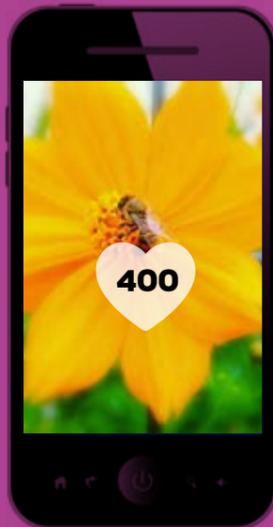
*Chegou-me às mãos a maravilhosa edição de março de 2016 da Revista Xapuri Socioambiental. Estou me deliciando com as reportagens e os artigos, com a riqueza de arte e conteúdo... Meus sinceros parabéns!  
Gilberto Rodrigues, Formosa - Goiás.*

*Linda! Ameil Parabéns!  
Andree de Rider Vieira, São Paulo - capital*

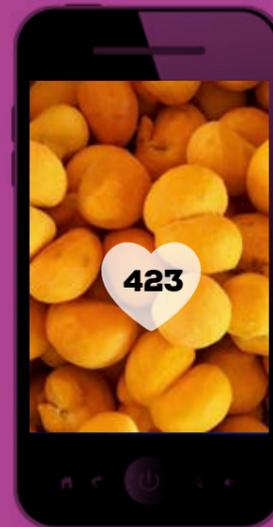
**contato@xapuri.info**

## As imagens mais populares da @revistaXapuri

 @thony.r.s



 @mariohsbueno



 @claudiagssousa



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

**#revistaxapuri**

Sua foto pode aparecer AQUI!

CURTAS



## POLUIÇÃO NO RIO DOCE CONTINUA ACIMA DO LIMITE LEGAL

Pesquisas recentes da Universidade Federal do Espírito Santo e de outras instituições acadêmicas demonstram que a concentração de metais pesados nas águas do Rio Doce continua acima das quantidades permitidas pela legisla-

ção federal. Análises realizadas em uma das espécies que vivem no rio, conhecida como peixe roncador, apresentaram grande concentração de arsênio, metal semipesado considerado tóxico para organismos vivos.

## BRASIL JÁ É UM DOS MAIORES INVESTIDORES EM ENERGIA RENOVÁVEL DO MUNDO

O Brasil atingiu patamar histórico de investimento em projetos de energia renovável em 2015, US\$ 286 bilhões, quantia que supera os investimentos do país em extração de carvão e gás. Se-

gundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), com isso, 1,5 gigatoneladas de gás carbônico deixaram de entrar na atmosfera em 2015.

## PRESSÃO POPULAR FAZ GRUPO PÃO DE AÇÚCAR BARRAR CARNE DE ÁREAS DO DESMATAMENTO

Depois de uma longa campanha de conscientização travada pelo Greenpeace, criticando as práticas comerciais da empresa, o Grupo Pão de Açúcar oficializou por meio de anúncio público a sua nova política de compra de carne bovina: serão bloqueados de sua lista de fornecedores os frigoríficos que

contribuem para o desmatamento e/ou para a violação de Direitos Humanos na Amazônia. Foram também divulgadas outras medidas, como um programa de transparência dos produtos de carne vendidos nas lojas do Grupo. Espera-se que tal ação tenha repercussão em outras empresas do setor.

# VOCÊ SABIA?

- Para prover oxigênio suficiente para uma pessoa em apenas um ano, é preciso entre 7 e 8 árvores.
- O menor primata do mundo, o sagui-leãozinho, é nativo da floresta amazônica. Ele tem 15 centímetros e pesa apenas 130 gramas.
- O maior arquipélago fluvial do mundo é o de Mariuá, no leito do rio Negro. Acredite se quiser, mas o Mariuá é formado por mais de 700 ilhas.
- Vive no bioma Caatinga a ave com maior risco de extinção no Brasil, a ararinha-azul, da qual só se encontrou um único macho na natureza. Também vive ali a segunda mais ameaçada do país, a arara-azul-de-lear. Elas habitam os arredores de Canudos (BA), e há menos de 150 exemplares, um décimo da população ideal no caso de aves, que demoram a se reproduzir.

Autor: Thiago Brito Rios de Miranda, publicitário, moderador do perfil @fatosinacreditaveiss no Instagram.

Nós fazemos a Xapuri acontecer.  
Você, com sua assinatura,  
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**ASSINATURA ANUAL  
12 EDIÇÕES**

**R\$ 99**

[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)

**eleve**  
mercado saudável  
708/709 norte

# O Futuro do Planeta Terra

Altair Sales Barbosa

Para que se possa entender as questões ligadas ao futuro do Planeta Terra é pré-requisito compreender toda dinâmica que envolve a origem do próprio Universo.

Segundo os princípios da Filosofia Cósmica, que se fundamenta na Física Quântica, o Universo teria se originado a partir de um ponto que se tornou infinitamente quente e sólido, ocasionando uma grande explosão que deu origem a vários fragmentos que entraram em processo de expansão.

Entretanto, não há consenso entre os Físicos e Astrônomos se quando mencionam este fato estão se referindo ao Universo como um todo, ou apenas a um fragmento deste, denominado Sistema Solar.

Mas essa teoria permite explicar a origem do nosso Sistema Solar, que se refere ao material interestelar, situado num dos braços espirais da Via Láctea. Diz que o material entrou em colapso e foi condensado. O colapso gradual desse material associado à influência da gravidade foi achatado e começou a rodar em sentido anti-horário.

A rotação e a concentração do material interestelar continuaram e deram origem ao Sol embrionário. A turbulência dessa nebu-

losa produziu redemoinhos localizados, onde o gás e as partículas sólidas se aglutinaram. O processo de aglutinação permitiu o acúmulo de massas com partículas de diversas naturezas, chamadas planetesimais, que com o passar dos tempos se transformaram em corpos planetários.

Por volta de 4,6 bilhões de anos, uma grande quantidade de material reunido em um dos redemoinhos turbulentos, que girava em torno do recém-formado Sol, deu origem ao Planeta Terra.

Da mesma forma, tendo ao centro o Sol, nebulosas gasosas se condensaram e deram origem a planetas de vários tamanhos que, juntamente com outros materiais começaram a girar em torno do Sol. Alguns planetas pequenos continuaram a incorporar materiais, que contribuíram para aumentar suas massas. Outros se colidiram e assim por diante. O processo não é tão simples.

No caso da Terra, toda vez que incorporava pequenos planetas e meteoritos, a energia de colisão se convertia em calor, formando um mar de magma. Por isso, uma bola de fogo correspondente a imagem da Terra em seus primórdios. Cada vez que havia impactos, minerais silicatados liberavam

para o espaço átomos de Hidrogênio e Oxigênio, que formavam moléculas H<sub>2</sub>O.

No início essa água se apresentava na forma de vapor, depois houve condensação, mas a água no estado líquido não conseguia chegar até a superfície da Terra, em função do alto nível de calor, que fazia a água evaporar. Entretanto, com o passar do tempo, houve um resfriamento que permitiu que a água da atmosfera se precipitasse sobre a Terra. Assim o Planeta foi recoberto por um oceano primitivo que circundava numa espessura média de 4 km.

A existência da água em estado líquido na superfície da Terra possibilitou a formação de diversos tipos de rochas, cujos detalhes não cabe especificar neste artigo. Algumas dessas rochas, em função da densidade, emergiram, formando as terras emersas, que depois viraram massas continentais com formas e composições variadas ao longo do tempo.

Portanto, nos seus primórdios, a Terra é comparada a uma bola de fogo, depois se transformou em bola de água. De lá para cá se passaram 4 bilhões e 600 milhões de anos.

É muito difícil fazer previsões. Entretanto, tudo que tem um começo um dia terá

fim, pelo menos nos parâmetros que conhecemos. Não temos certeza porém se antes da grande explosão, que deu origem ao Universo conhecido, já existisse algo.

Não sabemos também como os seres humanos evoluirão daqui para a frente, ou se serão extintos, por causas naturais ou por causas antrópicas.

Casos como estes, que envolvem extinções, são corriqueiros na história evolutiva da Terra.

Sabemos que durante os bilhões de anos da sua história evolutiva, o Planeta mudou muito de configuração, já foi Pangeia, Gondwana, Laurásia. Possuía mares onde hoje existem montanhas de calcário, etc. Mais recentemente, áreas desérticas se transformaram em ambientes florestados e vice-versa etc, sem que o planeta deixasse de existir.

Sabemos também que os elementos radioativos existentes no interior da Terra, que representam importantes fontes de calor, um dia irão desaparecer ou exaurir-se. Desse modo a energia geotérmica, que movimentava o interior do Planeta, irá extinguir-se, fazendo com que o campo magnético também deixe de existir. Por repetidas erupções vulcânicas, a água existente no interior da Terra será evaporada e decomposta, tornando-se gradualmente mais escassa.

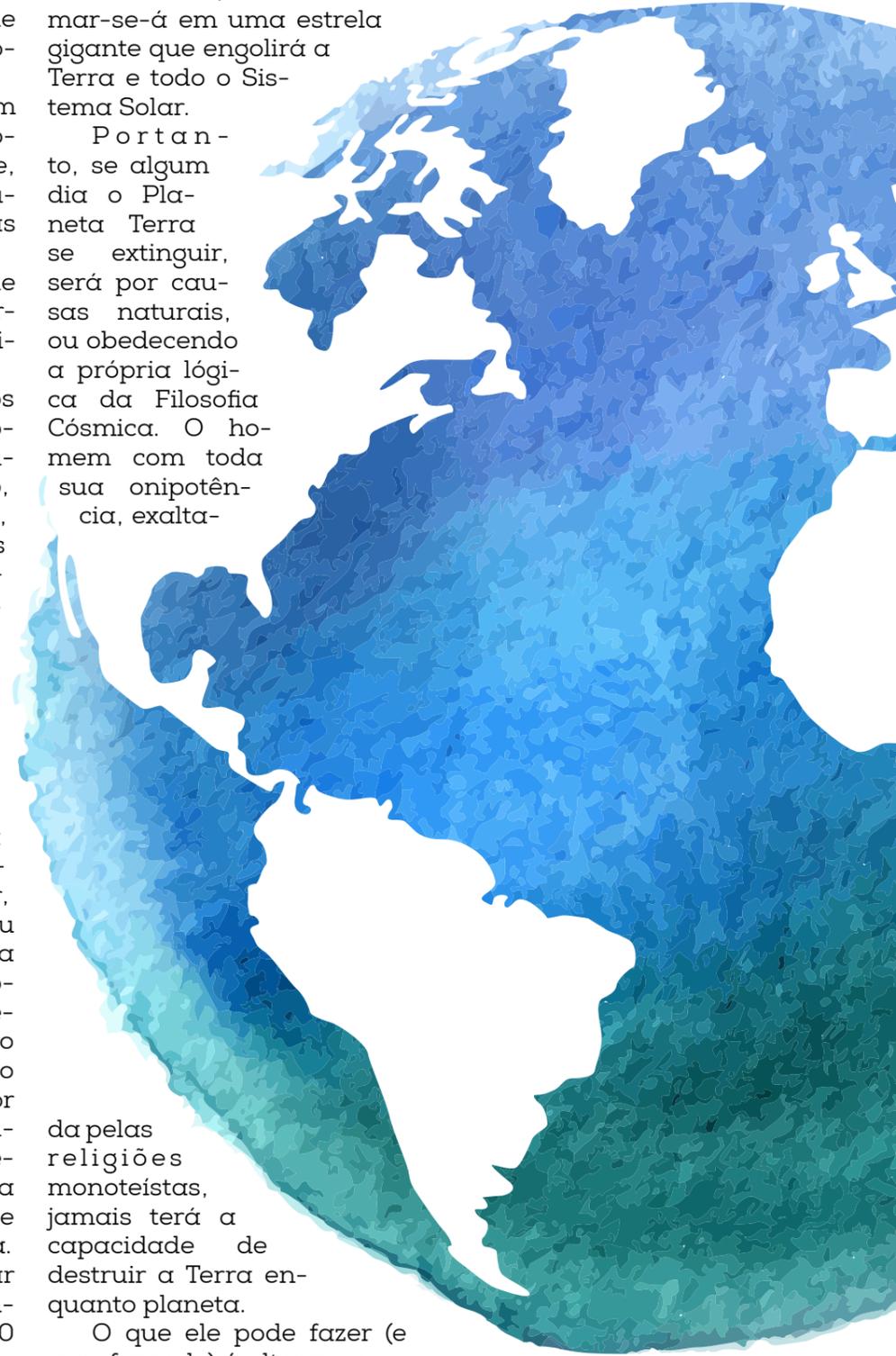
O que se pode afirmar com base nos conhecimentos atuais é que, daqui a 900 milhões de anos, a expansão do Sol poderá provocar o incremento do calor recebido pela Terra. Nesta situação, os oceanos irão evaporar totalmente. O Planeta inteiro será intemperizado e con-

vertido numa estrela sem vida. Passados mais 5 bilhões de anos, o Sol transformar-se-á em uma estrela gigante que engolirá a Terra e todo o Sistema Solar.

Portanto, se algum dia o Planeta Terra se extinguir, será por causas naturais, ou obedecendo a própria lógica da Filosofia Cósmica. O homem com toda sua onipotência, exalta-

da pelas religiões monoteístas, jamais terá a capacidade de destruir a Terra enquanto planeta.

O que ele pode fazer (e vem fazendo) é alterar ecossistemas e nichos ecológicos, o que modifica as paisagens e leva à extinção da vida no Planeta, inclusive ameaça a própria sobrevivência do Homo-sapiens-sapiens.



**Altair Sales Barbosa**  
Doutor em Antropologia.  
Pesquisador do CNPQ

# A CARTA DA TERRA

## UM CÓDIGO DE ÉTICA PLANETÁRIO

A Terra, enquanto parte do Universo, vai existir sempre, com ou sem a presença humana. Os contínuos e constantes ataques da civilização e de suas sociedades à nossa única morada cada vez mais colocam em risco a presença da vida no Planeta Terra.

Resultado de quase uma década de diálogo entre povos e nações, a Carta da Ter-

ra foi aprovada na Unesco, em Paris, no dia 14 de março de 2000, como uma espécie de Código de Ética Planetário para, em um chamado à responsabilidade compartilhada, buscar saídas para a sobrevivência humana na Terra.

O documento, escrito por uma Comissão de Notáveis que incluiu Mikhail Gorbachev, Maurice Strong, Steven Rock-

feller, Mercedes Sosa, contou também com a contribuição do brasileiro Leonardo Boff. Por uma questão de espaço, neste mês de abril (Dia 22 de Abril, Dia da Terra) publicamos aqui os textos básicos da Carta da Terra. Os Princípios encontram-se disponíveis na internet:

[www.cartadaterra.org](http://www.cartadaterra.org) ou [www.earthcharter.org](http://www.earthcharter.org).

## PREÂMBULO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para

seguir adiante, temos que reconhecer, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela na-

tureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

## A TERRA, NOSSO LAR

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as

condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com seus sistemas ecológicos, uma rica variedade

de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

## A SITUAÇÃO GLOBAL

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do de-

envolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e é causa de grande sofrimento.

O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

## DESAFIOS PARA O FUTURO

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que,

quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano é primariamente ser mais, não, ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O aparecimento de uma

sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções incluídas.

## RESPONSABILIDADE UNIVERSAL

Para realizar estas aspirações devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos ao mesmo tempo cidadãos de nações dife-

rentes e de um mundo no qual a dimensão local e a global estão ligadas. Cada um compartilha responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e do grande mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e

de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo presente da vida, e com humildade, considerando o lugar que ocupa o ser humano na natureza (...).

## COMO CONTINUAR

Como nunca antes na História, o destino comum nos conchama a buscar um novo começo (...). Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal.

Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável a nível local, nacional, regional e global. Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender da continuada busca de verdade e de sabedoria.

A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo.

Todo indivíduo, família, organização e comunidade tem um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresa é es-

encial para uma governabilidade efetiva.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra junto com um instrumento legal vinculante com referência ao ambiente e ao desenvolvimento.

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça e pela paz e pela alegre celebração da vida.

# Sustentabilidade e recuperação do espaço público caminham juntas no CEMTN



Foto: Deva Garcia  
Professor Valdison Morais apresenta o projeto "Valorização da Escola Pública"

*"Faça esse trabalho por necessidade, por consciência de que estamos cada vez mais nos distanciando da terra, daquilo que de certa forma nos criou. Temos que cuidar do meio ambiente, e ele começa onde meus pés pisam. Não posso daqui tentar salvar a Floresta Amazônica, mas posso ajudar aqui, neste pequeno espaço, e criar nos estudantes um entendimento maior do que significa tudo isso".*

A frase acima é do professor de química do Centro de Ensino Médio Taguatinga Norte (CEMTN), Valdison Alves Ribeiro Morais, fazendo referência ao projeto "Valorização da Escola Pública" - e que consiste em envolver os estudantes em atividades pedagógicas e ambientais para que valorizem o espaço onde passam a maior parte de sua vida estudantil, a escola, e o mundo em que vivemos.

O projeto, criado em 2016, alcança não apenas os estudantes do Centro de Ensino - cerca de 1.600 -, mas toda uma região, porque afeta a comunidade escolar como um todo.

Atuando no CEMTN desde 2001, Morais lembra que a sala em que lecionava parecia o "inferno". Segundo o professor, "fazia mais de 39° dentro da sala. O espaço

entre a parede da sala e o muro da escola era coberto por capim colônio. E a cultura da escola na época, infelizmente, era cortar o capim e atear fogo. Isso diante de uma demanda ambiental muito grande, não apenas pela escassez dos recursos naturais".

Morais lembra que "todos os professores que passaram por aqui sabem que a estrutura da escola é feita de concreto e aço. Botando fogo, do jeito como estava sendo feito, o muro iria cair; na sequência, a escola também. Isso sem falar que havia uma parte muito extensa cimentada pela escola toda, o que absorvia e retinha calor".

Diante do caso, o professor se posicionou, impedindo que, a partir de 2006, ninguém mais poria fogo ali. Morais relata que "arrancamos o capim pela raiz, o

deixamos entrar em decomposição e começamos a plantar árvores, muitas frutíferas. Como tempo, e o conseqüente crescimento das árvores as sombras começaram a cobrir o teto das salas de aula. A temperatura ambiente, agora, chega aos 24°. E nunca mais passou disso. Inclusive, várias espécies de pássaros nativos do Cerrado passaram também a frequentar o ambiente escolar", brinca o professor.

**Cidadãos** - Resolvido este problema emergencial, a próxima etapa foi estender o projeto para todos os cantos da escola; outros blocos de salas, áreas internas, fachada, área de estacionamento e quadra de esportes. Hoje, o Centro conta com uma vasta área plantada, contemplando árvores



Arquivo: Valdison Morais

Temperatura nas salas de aula chegava a 40° antes do plantio das árvores



Arquivo: Valdison Morais

Após a atitude de alunos(as) e professores(as), a temperatura média caiu para 24°



Foto: Deva Garcia

Hoje, o Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte está totalmente arborizado, gerando bem-estar a todos

frutíferas. "Temos muitos frutos aqui na escola, mas a principal colheita que os estudantes fazem é a do bem-estar, da melhoria do ambiente - fruto da entrega deles ao trabalho de cuidar deste espaço. Esse ensinamento vai além da escola, é para a vida toda".

No início do projeto, em 2006, a escola tinha um grupo de alunos que era o considerado o "terror", no limite do limite, que seria inclusive expulso. Mas o motivo de tanta rebeldia não era outro senão as condições que a escola fornecia, só que eles nem percebiam. "Ninguém tolera ficar sossegado numa sala de aula cheia, fazendo 40°. Então, propus a eles mudar a realidade da escola", lembra o professor Morais.

Um fato inusitado ocorreu em 2007. Ao pegar uma marreta para retirar parte do concreto da escola e plantar árvores ali, Morais foi denunciado ao governo por depredação do patrimônio público e por praticar escravagismo infantil - porque os estudantes o estavam ajudando, mas trabalhando no turno contrário de aula como voluntários. "O caso repercutiu na imprensa e tive que me explicar. Na apuração, viram que era justamente o oposto. No caso dos estudantes, os que estavam lá plantando árvores, se comprometendo com o espaço escolar, eram justamente aqueles que apresentavam problemas disciplinares na escola".

Auxiliado pelo professor de Língua Portuguesa Fernando da Rocha Fernandes, Morais considera que com iniciativas como esta "o aluno consegue descobrir dentro de si a relação de pertencimento ao planeta. A partir daí ele se torna um cidadão consciente e atuante. Ele deixa a escola e prossegue com sua vida, mas esse aprendizado não sai mais dele".

Para contatar o professor Morais basta ligar para (61) 8186-3890 ou enviar e-mail para dfuai@hotmail.com.

# MUNICÍPIO PARA AS PESSOAS

## UMA PLATAFORMA PARA A AÇÃO CIDADÃ

Jacy Afonso

Em 2016 temos eleições municipais. Os mais de cinco mil municípios brasileiros começam a se preparar para o processo eleitoral que escolherá seus prefeitos/as e vereadores/as para a gestão 2017-2019.

É hora, também, de as pessoas começarem a perguntar pelas propostas e pelos projetos daqueles/as que vão pedir seus votos para organizar a vida pública em cada município, seja como prefeito/a, seja como vereador/a, porque só com conhecimento poderão exercer o poder do voto com liberdade e consciência.

A manifestação de preferência que faz cada eleitor/a é direito fundamental, é exercício de cidadania. As eleições municipais oferecem essa oportunidade de livre escolha para que cada cidadão ou cidadã expresse o que quer para o seu município, que é o seu espaço coletivo de convivência.

Não se trata apenas de escolher esse/a ou aquele/a candidato/a. Trata-se de escolher representantes que efetivamente demonstrem respeito ao exercício pleno da cidadania.

Deve pesar, na escolha, o compromisso das pessoas eleitas com a implementação de políticas públicas que atendam não a conveniências próprias de uma família ou de um grupo, mas sim aos inte-

resses de toda a população, tanto da área urbana como da área rural do município.

Para que a escolha seja livre e cidadã, é necessário basear o voto em convicções e em argumentos. Não se pode votar por favor pessoal, promessas vazias ou expressões de boa vontade.

A ponte perto de casa, a dentadura, as camisetas para o time de futebol, alguns tijolos e dinheiro são motivos equivocados e ilegais para votar. Aliás, candidatos/as que oferecem esse tipo de "benefício" merecem desconfiança, pois querem transformar o voto em produto de compra e venda. E isso é corrupção.

A sociedade deve participar de debates sobre as necessidades coletivas da municipalidade. As instituições e entidades locais precisam assumir o compromisso de oferecer projetos e promover encontros entre munícipes e candidatos/as, para avaliar com clareza o conteúdo e a honestidade das propostas, assim como as possibilidades concretas para sua implementação.

Entidades sindicais, associações de bairro, cooperativas, organizações sociais, além de exercerem o direito de promover debates que apoiem a população na escolha de sua governança, precisam se comprometer publicamente com a execução de

ações a partir das necessidades coletivas.

Por acreditar na força e legitimidade das entidades da sociedade civil, compartilhamos aqui os principais pontos da plataforma "Município para as Pessoas", organizada pela Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal - Confetam/CUT, presidida pela professora Vilani de Souza Oliveira que, ao exercer seu papel político enquanto entidade sindical, se propõe a fortalecer a organização dos interesses da população nessas eleições mediante um processo de exposição de ideias em diálogos democráticos.

A Confetam reconhece a importância das diretrizes básicas para o desenvolvimento dos municípios, como o crescimento econômico, o mercado imobiliário, as obras públicas, as empresas e indústrias, mas também chama a atenção para o fato de que essas diretrizes não podem se sobrepor às pessoas e ao atendimento das necessidades coletivas.

A plataforma "Município para as Pessoas" se propõe, portanto, a ser um chamado à ação para melhorar o lugar onde nascemos ou que adotamos para viver e trabalhar, tornando-o um espaço de convivência e construção de laços, onde se idealizam planos e se concretizam pos-

sibilidades, ou seja, um lugar do plural e do singular, com capacidade de estabelecer o respeito mútuo e a tolerância, para contemplar toda e qualquer forma de diversidade.

O documento ressalta também que, para efetivar políticas públicas de qualidade, a valorização dos/as trabalhadores/as municipais é imprescindível. Essa valorização, além de salários justos, envolve a oferta de qualificação nos mais diferentes aspectos para possibilitar a execução das políticas conforme os princípios da administração pública.

As 10 prioridades da Plataforma "Município para as Pessoas" são as seguintes:

1.	Emprego decente no serviço público para uma vida digna;
2.	Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres e jovens;
3.	Erradicação da pobreza;
4.	Educação inclusiva e equitativa de qualidade;
5.	Vida saudável e bem-estar para todos/as;
6.	Gestão sustentável dos recursos naturais e do consumo saudável;
7.	Respeito às liberdades e aos direitos humanos;
8.	Políticas afirmativas e antidiscriminatórias;
9.	Habitação segura, adequada e acessível;
10.	Transparência, acesso à informação e controle social.

Segundo a Confetam, o diálogo responsável a partir dos 10 pontos dessa Plataforma fará com que as pessoas eleitas para os cargos políticos nos municípios tenham se comprometido de antemão com a construção de parcerias e com a inserção da participação popular em seus mecanismos de governança.

Só assim, as novas administrações municipais poderão transformar as ações municipais em políticas de estado, ou seja, o município terá condições de institucionalizar suas políticas públicas, para que não sejam desconsideradas ou destruídas pelas próximas gestões.

Em resumo, a Plataforma faz um forte chamado à promoção do voto consciente, baseado em propostas práticas, eficientes e criativas, possíveis de serem executadas com o apoio e o acompanhamento constante da cidadania, fortalecendo, assim, a democracia, que precisa ser ampla para garantir uma boa sombra e bons frutos para

toda a comunidade.

Somente com participação de uma sociedade organizada, participativa e vigilante de todo o processo político democrático, será possível às gestões municipais garantir os meios e as condições necessárias para afastar as discriminações, promover a igualdade de oportunidades e a justiça social em cada um dos municípios brasileiros.

Mudar o mundo a partir da aldeia. A cidade é da cidadania!



**Jacy Afonso**  
Sindicalista



# AFRODITE

Afrodite foi a primeira mulher nua na história da escultura grega. Praxíteles a talhou com a túnica caída a seus pés, e a cidade de Cós exigiu que ele a vestisse. Mas outra cidade, Cnido, deu-lhe as boas-vindas e ofereceu um templo para ela; e em Cnido viveu a mais mulher das deusas, a mais deusa de todas as mulheres. Embora estivesse trancada e muito bem custodiada, os guardas não conseguiam evitar a invasão dos loucos por ela. (...) Farta de tanto acossamento, Afrodite fugiu.

## Parceria estratégica debate projeto de bancos públicos e sistema financeiro



**P**or mais conturbado o ambiente político e agravada a crise econômica por uma extemporânea disputa que ameaça o estado democrático de direito e a estabilidade institucional, é fundamental o debate sobre os bancos públicos. Seja quanto ao crédito, aos juros, às políticas públicas e à presença em setores e lugares em que a banca privada não vai.

Qual for o desfecho da crise, demandará resistir e lutar por bancos públicos mais fortalecidos e um sistema financeiro hígido, porém civilizado; a serviço do país, e não do rentismo.

Pensando nesse desafio é que o Sindicato dos Bancários e a Fetec-CUT/CN decidiram ratificar uma proposta da Secretaria de Bancos Públicos da Federação e estabelecer um programa de intensificação de conhecimento.

Essas instituições, sediadas em Brasília, sofrem reestruturações administrativas autoritárias,

cujo exemplo mais agudo no momento, a Caixa, alega buscar maior eficiência, mas sem fundamentação e sem o espaço para alternativas ao dogmatismo de mercado, que prima por cortes e cerceamento.

Por essa importante empresa pública apresentar mais que satisfatório resultado, inclusive financeiro, fica patente não haver motivo econômico. Não se quer, até agora, uma real negociação com os trabalhadores.

Há casos similares no BB, e, localmente, acerca do futuro que o acionista majoritário, o GDF, realmente quer para o BRB.

O aprofundamento na concepção estratégica, para diagnóstico e para proposições, tem, já em abril, um encontro piloto com um reconhecido experto. O seminário de trabalho, será, inicialmente, concentrado para a troca e sistematização de ideias entre os dirigentes sindicais.

Pretende-se uma sequência de encontros periódicos, cada qual com um expositor habilitado a provocar e exercitar questões, num acúmulo que será publicizado, objetivando contribuir com a discussão e a participação da categoria e da sociedade civil, e aumentar a força de negociação coletiva.

É preciso enfatizar o caráter público desses patrimônios do povo, que operam no mercado, mas devem alinhar lucratividade com função social, incrementar sua liderança no desenvolvimento nacional, numa conduta de respeito a trabalhadores e clientela.

Estratégia inteligente é com os trabalhadores (as) bancários (as), e não contra.



**André Nepomuceno,** bancário do BRB, doutor em literatura pela UnB, é secretário de Bancos Públicos na Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN).

## CLODOMIR DE MORAIS, UM GRANDE GUERREIRO

Jaime Sautchuk

Faleceu no último dia 25 de março um grande brasileiro, Clodomir Santos de Moraes. Foi em Santa Maria da Vitória, na Bahia, às margens do rio Corrente, onde ele nasceu e onde queria morrer. Incansável, respeitado no mundo inteiro, trabalhou até seus últimos dias, prestes a completar 88 anos de idade.

Jornalista, escritor, advogado, PhD em Sociologia e professor universitário, ele foi líder das Ligas Camponesas no Pernambuco, base que o elegeu deputado estadual ainda na década de 1950. Foi preso político antes de 1964, em pleno governo João Goulart.

Em 1962, ele havia ido ao Rio de Janeiro em nome das Ligas pra buscar uma encomenda perigosa, quando foi apanhado numa blitz de trânsito em um fusca repleto de armas e munições. Carlos Lacerda, o ultrarreacionário governador do Estado, que entrou pra História como "Corvo", por conspirar contra o

governo eleito de Jango e a favor do golpe militar, achou ótimo, e o manteve preso por vários meses.

No golpe de 1964, já de volta ao Pernambuco, teve seus direitos políticos cassados e seu nome era o 12º na primeira lista de prisões da Junta Militar. De novo na cadeia, dividiu uma pequena cela com o educador Paulo Freire, até conseguir asilo na embaixada do Chile, que então funcionava no Rio de Janeiro.

Exilado, virou professor da Universidade do Chile, mas logo foi contratado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e trabalhou em mais de uma dezena de países, como consultor em desenvolvimento agrário. E lecionou em outras universidades mundo afora e no Brasil.

Nas conversas de prisão, aperfeiçoou seu método de capacitação massiva, que inclui a Oficina de Organização (OW) e que originou o lema "Ocupar, Resistir, Produzir", depois adotado pelo MST.

De família humilde, Clodomir trabalhou na roça, fez o curso primário, aprendeu música e foi auxiliar de alfaiate na sua Santa Maria da Vitória. A cidade era o ponto final da ligação fluvial do Oeste da Bahia com o resto do Brasil. Importante afluente do São Francisco, à época o Corrente recebia barcos de todos os portes, as famosas gaiolas. Hoje está assoreado, só passam botes acanhados.

Mas foi em lombo de mula que, aos 14 anos, Clodomir disparou rumo a São Paulo, em busca de uma nova vida. Lá, ganhava algum dinheiro como alfaiate e como músico, tocando sax e clarinete em grupos de bares, sem abandonar os estudos. Contudo, foi como operário, em uma linha de produção da Ford, que se ligou às lutas sociais e se envolveu com ati-

vidades sindicais, produzindo materiais, notas e panfletos, por exemplo.

Logo que pôde, aos 22 anos, pegou a estrada de volta e foi bater, primeiro, em Salvador, onde criou um jornal de oposição ao governo baiano de então. Ano e pouco depois, porém, atraído pela atividade política em Recife, mudou-se pra lá, ingressando no curso de Direito da Universidade Federal do Pernambuco e atuando na imprensa local. Foi repórter da Associated Press, do Jornal do Comércio e da potente Rádio Clube do Recife, entre outras atividades como jornalista. Foi neste período que conheceu o advogado Francisco Julião, que era ligado aos trabalhadores rurais, e juntos fortaleceram o movimento Ligas Camponesas, criado em 1945, com a tese de "reforma agrária, na lei ou na marra".

Nas eleições gerais de 1955, Julião se elegeu deputado federal, e ele, estadual, pelo Partido Socialista (PS), embora ele fosse ligado ao Partido Comunista, proscrito na época. Nessa função, ele foi, também, autor do projeto que criou o Banco de Desenvolvimento do Pernambuco (Bandepe), uma instituição de fomento. Por isso, costumava dizer, com ironia: "eu sou um pé-rapado, mas criei um banco".

Ao ser contratado pela ONU, ele assumiu a função de Conselheiro Regional de Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural para a América Latina. Entretanto, seu trabalho teve resultados de imediato, de modo que, a pedido da organização, ele extrapolou os limites de sua atuação a vários continentes.

Depois de passar alguns anos em Honduras e Costa Rica, ele virou professor convidado da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos. E, na Revolução dos Cravos, que derrubou a ditadura salaza-

rista em Portugal, em abril de 1974, ele ajudou a montar a estrutura de fomento agropecuário do novo governo, com a criação de 3,6 mil cooperativas de produtores.

Depois, passou dois anos no México, em projeto de Ecologia e Desenvolvimento Sustentável, do PNUD. Em seguida, ministrou cursos em Genebra, na Suíça, criados pela OIT e destinados ao treinamento de sindicalistas rurais de vários países africanos.

Isso fez com que visitasse países que haviam deixado de ser colônias na África, onde montou estruturas de capacitação de lideranças. Em seguida, tornou-se professor residente da Universidade de Rostock, na Alemanha, onde também cursou mestrado e doutorado em Sociologia.

Com a Anistia, em 1979, ele voltou ao Brasil e virou professor da Universidade de Brasília (UnB), por convite do professor Cristovam Buarque, então reitor. Nesse período, Clodomir criou o Instituto Iattermund, uma ONG dedicada ao trabalho de geração de emprego e renda em várias partes do País.

Durante suas andanças, publicou duas dezenas de livros, entre os quais o "Dicionário de Reforma Agrária na América Latina" e o "Manual de Oficinas de Organização", editado em 17 línguas e dialetos. Também produziu alguns livros de poemas, que encontrava tempo pra escrever.

Por muitos anos, entrando na faixa dos 80 anos, morou em Porto Velho, como professor da Universidade Federal de Rondônia. E, em 2013, resolveu voltar à sua terra natal, Santa Maria da Vitória.

Em verdade, porém, mesmo quando estava no exterior, ele mantinha trabalhos à distância ali, que incluíam a reorganização de sindicatos de trabalhadores rurais e cooperativas, em várias cidades da região.

Há muitos anos, sua casa em Santa Maria foi transformada em centro cultural e biblioteca pública, num projeto desenvolvido pelo jornalista Joaquim Lisboa, o Quincas, também filho da terra e seu seguidor.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor





# IPTU TSU 2016



**A CONTRIBUIÇÃO  
DE CADA UM  
FAZ A CIDADE  
DA GENTE.**

**10% DE DESCONTO**  
À VISTA EM PARCELA ÚNICA

**ATÉ 12 DE ABRIL DE 2016.**

**OU PARCELE EM ATÉ  
8X\***

**O VALOR INTEGRAL**  
\*com parcela mínima de R\$ 88,00.

- Caso o carnê não seja entregue em seu endereço, procure uma das unidades do Rápido, Secretaria da Fazenda ou o site da Prefeitura.
- Proprietários de imóveis, atualizem seu cadastro nas unidades do Rápido ou na Secretaria da Fazenda.
- Proprietários de lotes, retirem seus carnês nas unidades do Rápido ou no site da Prefeitura.

    
anapolis.go.gov.br

**DISQUE  
PREFEITURA 156**  
 8551 8185

 Prefeitura de  
**ANÁPOLIS**  
Cidade de Todos!

# O cuscuz, o pão do sertanejo

Rachel de Queiroz

*O milho, depois do feijão, é um dos alimentos básicos do sertanejo. Come-se verde, cozido ou assado na brasa, em forma de canjica (curau), pamonha, bolos, cuscuz (...).*

## CUSCUZ

Bota-se de véspera o milho seco na água fervendo (para um cuscuz pequeno, usa-se um litro de milho verde seco). Na manhã seguinte, ele deve ser moído e passado pela peneira de tela, acrescenta-se o sal e leva-se à cuscuzeira, que já tem água no fundo, e deixa-se cozinhar no vapor até a massa ficar bem cozida. Sente-se isso pelo cheiro do milho cozido.

Pode-se comê-lo puro, com manteiga ou regado com leite, o que é mais comum. Há quem o prepare também de outras maneiras: quando pronto, esfarela-se o cuscuz, misturando-o com o feijão já cozido, um pouquinho de caldo, torresmos e cheiro verde. Essa mistura pode acompanhar carne, galinha ou peixe. Usa-se também fazer a farofa de cuscuz.

O cuscuz é o pão do sertanejo.

Rachel de Queiroz - Escritora Nordestina, nascida no Ceará (17/11/1910 - 04/11/2003), em O Não Me Deixes, Sua História e Sua Cozinha, Editora ARX, 2004.



# NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM VIADUTO

Antenor Pinheiro

*“É uma discussão entre técnicos e urbanistas. Uns entendem que a obra agrediria a parte urbanística da cidade. Eu sempre tenho a humildade suficiente para não me colocar como dono da verdade. Quero ouvir todos. Se entender que os que levantaram a discussão têm razão partirei para outro projeto”.*

*Prefeito de Goiânia, Iris Rezende (2008)*

Falso! O projeto foi executado, sem discussão, sem nada! Não apenas o viaduto, mas uma trincheira também foi implantada no coração da cidade, sem dó nem piedade, sob foguetórios e inflamados discursos políticos que defendiam a chegada da “modernidade” na cidade.

Enfim, diziam, o progresso metropolitano chegava a Goiânia.

Sabem os governantes de todas as cidades brasileiras que o viaduto é a possibilidade técnica que a engenharia civil inventou para permitir aos condutores de automóveis chegarem mais rápido ao próximo congestionamento.

Não levam nada a lugar algum. Apenas uma festajada e temporária ilusão que enche de alegria motoristas apressados e empreiteiras, porque consome vultosos recursos, ao fim destinados não somente às obras licitadas, como se sabe.

Tudo dominado a premiar

o modal que anualmente deforma o conceito de cidade, e ao mesmo tempo atormenta 50 mil famílias brasileiras enlutadas em razão de uma violência crescente ainda mal avaliada pelas mesmas ineptas autoridades governamentais.

É fato! O viaduto no meio do caminho não felicita a comunidade, mas alimenta ilusões de incautos motoristas que detém a errada sensação de que agora sua cidade é “moderna”.

Nesse contexto, como ensea a citação inicial, a falsa premissa do então prefeito de Goiânia nos exige a responsabilidade de insistir ao que sobra de bom senso aos gestores de cidades para que repensem a questão quando virem suas cidades infestadas de carros e motocicletas.

“É uma discussão entre técnicos e urbanistas. Uns entendem que a obra agrediria a parte urbanística da cidade. Eu sempre tenho a humildade suficiente para

não me colocar como dono da verdade. Quero ouvir a todos. Se entender que os que levantaram a discussão têm razão partirei para outro projeto”. Prefeito de Goiânia, Iris Rezende (2008).

O momento nacional e a legislação vigente não recomendam tão somente o colhimento de dividendos eleitorais por grandes realizações físicas, mas ações responsáveis que resultem melhor qualidade de vida da nossa gente.

Fomentar cidades de concreto com foco no transporte individual, mais que envilecer urbanistas comprometidos com cidades humanizadas é optar por políticas que motivam o uso do automóvel acima de todas as demais possibilidades, contrariando a tendência urbanística contemporânea e a correta orientação de se priorizar o transporte público e a acessibilidade universal para equacionar as demandas de mobilidade das pessoas.

Esse o esforço que deve balizar os governantes de pensamento moderno, aí sim! Com o dinheiro dos viadutos tradicionalmente previstos no radar das administrações municipais diante dos caminhos possíveis, podem (por que não?) os prefeitos fazer diferente: criar estruturas eficientes de educação para a mobilidade segura.

Redirecionar seus esforços e parcos recursos para a construção de cidades equipadas de ciclovias, ciclofaixas, transportes coletivos e calçadas públicas decentes por onde transitam pessoas, gente, por exemplo.

Inverter prioridades é atributo indispensável aos governantes de bom senso. É

evitar o viaduto no caminho das pessoas para que se recupere a urbanidade possível, como que para garantir o lugar das pedras em seu devido e original lugar.



**Antenor Pinheiro**  
Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP





Marcha dos educadores em Brasília, contra o golpe, contra as OS e contra a terceirização

## LUTA DO SINTEGO FAZ GOVERNO DE GOIÁS RECUAR

A pressão social encabeçada pelo Sintego e absorvida pela sociedade goiana tem dado bons resultados. A Seduce (Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esportes) informou que nenhuma Organização Social foi qualificada no Edital de Convocação 001/2016.

Esta informação foi dada pela própria secretária Raquel Teixeira em entrevista coletiva no dia 23/01. Segundo a secretária, não houve nenhuma OS apta tecnicamente

para ser parceira da Secretaria. As propostas apresentadas para o gerenciamento das escolas não atenderam as exigências para uma gestão compartilhada.

O Sintego se orgulha de sua luta e de suas manifestações contra a terceirização do ensino público em Goiás e pondera que foi primordial mostrar e denunciar esse modelo de gestão. Desde o final do ano de 2014 até o presente momento, o sindicato tem se mobilizado contra as ameaças do gover-

no do Estado de privatização do ensino público e de fim da carreira do magistério.

O Sintego denunciou e combateu veementemente o caráter mercadológico das OSs. À primeira vista essas entidades vieram envolvidas de entidades sem fins lucrativos, entretanto, essas empresas têm no lucro o seu principal objetivo.

A Revista Nova Escola ajudou a desmascarar essa farsa na matéria "Quem vai administrar as escolas de Goiás?".

A reportagem mostrou que as dez OSs credenciadas não tinham experiência comprovada em gestão de escolas e eram recém-registradas, cujos proprietários visavam, sim, o lucro, acima dos nobres ideais do Ensino Público.

Em sua luta o Sintego ampliou parcerias e aprofundou o diálogo com as organizações vivas da sociedade. A luta fez-se ferrenha, de um lado os professores e administrativos contra as OSs e do outro o Governo de Goiás representado pela

se juntaram à luta e se manifestaram através de seus conselheiros contra a privatização do ensino. O MP-GO, juntamente com o MPF e o Ministério Público de Contas recomendou a paralisação do processo. A secretária de Educação diz que um novo edital será lançado, alegando que este outro chamamento trará mudanças na qualificação das OSs.

O Sintego, através de sua presidenta, Bia de Lima, evidencia em suas falas que, ao longo de todo este processo, houve falta de diálogo do governo para com a sociedade e com os profissionais em educação e, enfatiza principalmente, a ilegalidade deste processo.

Convém destacar que através das denúncias do Sintego as OS não avançaram e o governo teve de recuar. Enquanto Sindicato e interessados no assunto, sabemos que é uma vitória parcial, mas uma sig-

nificativa vitória. Na sua ânsia para acabar com o Ensino Público em Goiás, temos a certeza de que governo vai retomar a carga, mas enquanto isto é importante estar do lado dos alunos, professores, administrativos e comunidade goiana.

O Sintego estará sempre argumentando em favor do nosso povo goiano. O Sintego, com apoio da sociedade e da Justiça, vai continuar trabalhando contra esta tentativa do governo de Goiás de promover o desmanche da carreira dos professores e da educação pública em Goiás.



Seduc.

Por enquanto vence o bom senso e ao posicionamento do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento do Ensino), que em documento oficial, declara a impossibilidade do uso de recursos do FUNDO para as OS. O documento diz explicitamente que não é possível utilizar recursos do Fundo no pagamento de Organizações Sociais, demonstrando a inconstitucionalidade do projeto levado a cabo pelo governo do Estado. (Vide Documento anexo).

Mais universidades e entidades sensibilizadas como a Faculdade de Educação da UFG, Fórum Estadual de Educação, SINPRO-GO, CNTE e seus sindicatos, o Movimento de Estudantes e OAB-GO,



Seminário na Greve Nacional, com a participação do promotor Fernando Krebs, da presidenta do Fórum Estadual de Educação, professora Mirza Seabra e a e Mirian Fábica Diretora da Faculdade de Educação da UFG



## DESCREDENCIAR FACULDADES É A SAÍDA?

Trajano Jardim

Em 2013, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) descredenciou dezenas de instituições privadas de ensino. Os mais expressivos foram da Faculdade Alvorada, de Brasília, e ao apagar das luzes de 2013 a Gama Filho e UniverCidade, IES do Rio de Janeiro, de responsabilidade da mantenedora Grupo Galileu.

A educação privada no Brasil foi permitida oficialmente em 1821, pelo Decreto de D. João VI, tendo vista que o erário se tornava impotente para efetivar a universalização do ensino. Por este motivo transferiu essa responsabilidade parcialmente para o setor privado.

Embora, a partir daí, a legislação brasileira tenha sempre reconhecido a participação privada no ensino como legítima, ao mesmo tempo estabeleceu o Estado como responsável principal e poder concedente ou autorizador da educação no setor privado. Porém, sem qualquer caráter liberal de fins privatistas, princípio estabelecido na Constituição de 1988, no seu artigo 209, que reza "o ensino é livre a iniciativa privada", dentro das condições de "cumprimento das normas gerais da educação nacional" e a "autorização e avaliação de qualidade pelo Poder Público". O grifo na última frase é nosso e proposital para que possamos demonstrar os caminhos tortuosos por onde trafega educação no Brasil.

Usando brechas existentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o MEC, no governo FHC, de forma permissiva criminosa, concedeu reconhecimento a dezenas de milhares de instituições com um mínimo de fiscalização, o que levou à proliferação de verdadeiros "balcões de negócios no campo da educação". Principalmente no ensino Superior.

Medidas permissivas trou-

xeram males para a educação brasileira, que se transformaram em crônicos. A primeira, a abertura do setor ao capital privado, transformando de vez a "educação em mercadoria", sem que nenhuma interveniência quanto à concessão de responsabilidade ficasse sujeita a fiscalização do Estado. A segunda é que a instituições privadas de ensino teimam, deliberadamente, em ignorar o segundo preceito do artigo constitucional.

Qual é a saída para livrar a educação brasileira da barbárie da financeirização e da desenfreada desregulamentação?

O MEC tem dito, publicamente, que por falta de pessoal técnico é impotente para fiscalizar o setor privado do Ensino Superior. As Secretarias estaduais de educação, por sua vez, não conseguem ter um projeto que iniba a exploração e a precarização a que são submetidos os professores e professoras da educação básica. Os Conselhos de Educação, na sua maioria, não têm a participação da comunidade escolar, o que torna quase inócuas as suas existências.

O Sinpro-Rio conseguiu que fosse instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a apurar, entre outras coisas, denúncias relativas à gestão fraudulenta, enriquecimento ilícito, desvio de recursos públicos, apropriação indébita, lavagem de dinheiro, propagação enganosa, precarização das relações de trabalho, assédio moral, criação de monopólios e deterioração da qualidade de ensino nas entidades particulares de ensino superior.

A CPI é voltada para o Rio de Janeiro, mas poderia muito bem ser o espelho para o Brasil inteiro. Primeiro, porque a situação não difere dos outros estados. Segundo, a monopolização crescente leva os grupos a atua-

rem em todos os Estados.

Por todos esses motivos, entendemos que a atitude do MEC de descredenciar de forma unilateral, sem primeiro fazer uma fiscalização criteriosa e firme nas entranhas das IES, não vai resolver a crise do sistema. Os únicos prejudicados são os alunos, professores e a educação. Os tubarões do ensino ficam com o lucro, resultado dos financiamentos com dinheiro público. É hora de o governo Dilma mudar essa lógica e editar uma Medida Provisória e botar em prática o projeto de criação do INSAES, que a bancada da educação no Congresso não deixa aprovar. Preferem que continue a fiscalização por conta da estrutura do MEC, onde a influência do monopólio das mantenedoras não permite que se fiscalize coisa alguma.

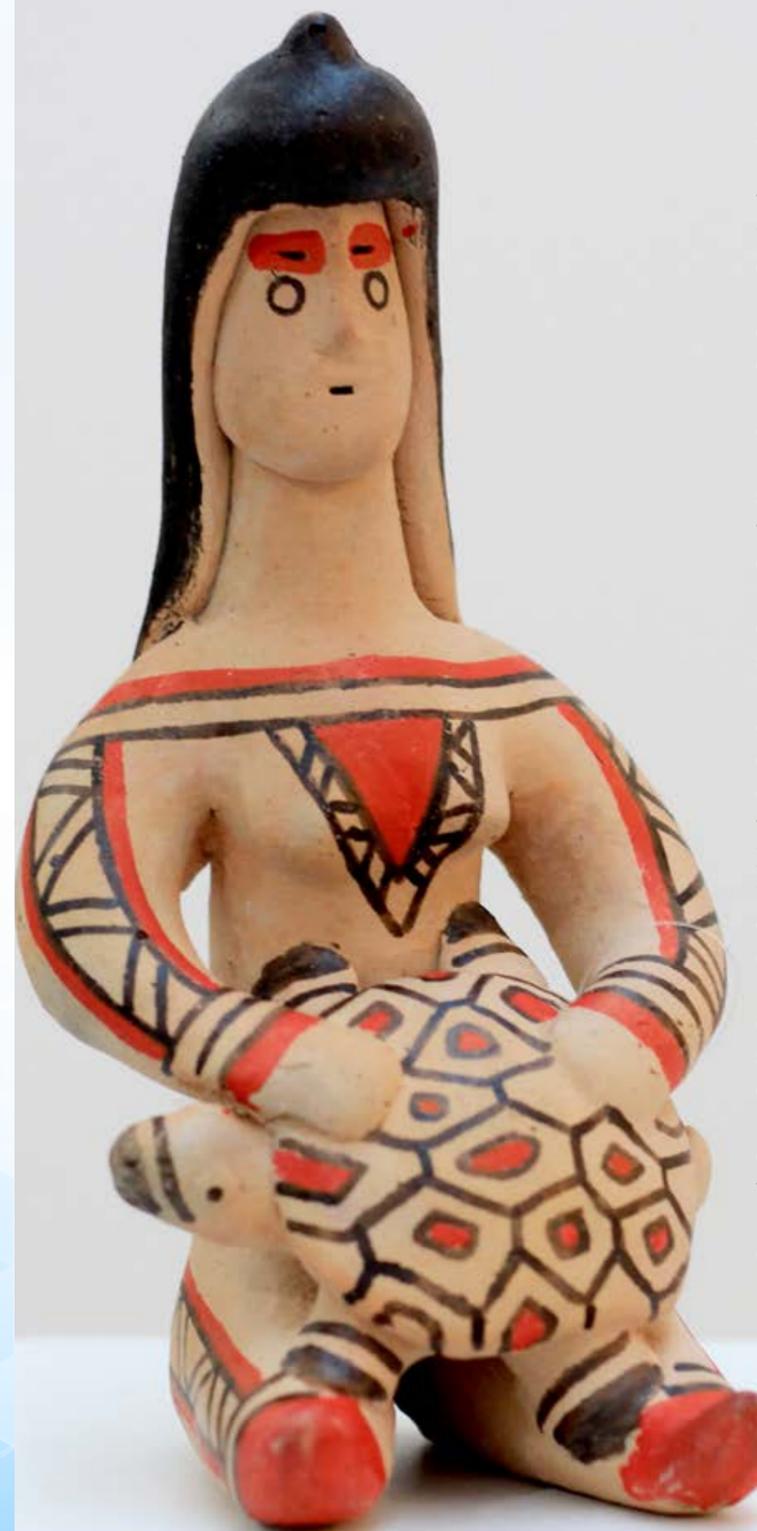
Assim, IES que não recolhem FGTS, INSS, não pagam salários em dia, devem verbas rescisórias, continuam recebendo recursos públicos por meio do FIES, do Proni e Pronatec, sob a passividade da fiscalização do MEC. Enquanto isso, o Congresso Nacional, de maioria conservadora, torna letra morta a decisão do governo em disponibilizar parte dos recursos do pré-sal para a educação, com o projeto de partilha do senador José Serra, que tira da Petrobrás o monopólio da exploração dos recursos.



**Trajano Jardim**  
Jornalista e Professor  
Universitário



## RITXÒKÒ, A BONECA KARAJÁ



Patrimônio imaterial brasileiro, a boneca Ritxòkò simboliza a identidade cultural do povo indígena Karajá. Ao representar cenas do cotidiano e dos ciclos rituais, as Ritxòkò ocupam papel fundamental na educação das crianças e na preservação da milenar cultura Karajá.

Na medida em que representam cenas do cotidiano e dos ciclos rituais, são portadoras de significação cultural, comunicando os valores do grupo e ocupando a tarefa de ensinar às crianças os sentidos da própria cultura.

Confeccionadas em cerâmica, as bonecas são pintadas com grafismos que representam as formas humanas, a pintura corporal, os adereços, e também a fauna regional das margens do rio Araguaia, nos estados de Goiás e Tocantins, que é onde estão localizadas, há séculos, as principais aldeias do povo Karajá.

Estudos do Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Brasileiro (IPHAN) mostram que a confecção das Ritxòkò, também conhecidas como Licocó, Titxkòò ou Litjokê, passa por um processo artesanal extremamente trabalhoso, organizado em cinco etapas: extração e preparação do barro, modelagem das figuras, queima e pintura, envolvendo técnicas tradicionais transmitidas de geração em geração.

Esculpidas somente pelas mulheres das aldeias nas cores preta e vermelha, as bonecas são feitas com três matérias primas básicas: a argila ou o barro (suù), a cinza e a água. Em geral, são comercializadas nas próprias aldeias ou em lojas de decoração e constituem importante fonte de renda para as comunidades Karajá, cujo povo soma uma população de cerca de 3,2 mil pessoas, com ramificações também no estado de Mato Grosso.



## GRAÇA FLEURY, EDUCADORA POR NATUREZA

Jaime Sautchuk

Dizem que após os 60 as pessoas ficam mais fechadas, sisudas, mas ela é um permanente sorriso. Dizem que após os sessenta as pessoas engordam e amolecem, mas ela é esbelta e firme. Dizem que após os sessenta as pessoas se tornam desleixadas no vestir e no fazer, mas ela segue elegante e aplicada.

Falo de Maria das Graças Fleury Curado, ou Graça Fleury, mulher de muitos dotes, mas educadora por excelência, com a mente ligada nas futuras gerações. Nascida e criada em Goiânia, com muitas andanças pelo Brasil e exterior, ela tem orgulho mesmo é de ser cidadã da Cidade de Goiás, ou Goiás Velho, onde estão suas raízes.

Ela cursou o primário em escola pública, o ginásio com as freiras dominicanas e, após intercâmbio nos Estados Unidos, fez o secundário em química industrial, em curso profissionalizante. No entanto, a mãe não admitiu

que fizesse estágio em uma fábrica de cimento no interior do Estado. Ela seria a única mulher entre centenas de trabalhadores. Não seria este um bom lugar a uma moça que tinha 12 anos de aulas de piano, solfejo e teoria musical no currículo, pensava a mãe.

Assim, Graça resolveu se casar, o que a manteria no ramo, digamos. O marido Alexandre, namorado de alguns anos, era funcionário da CVRD (Vale), de modo que foram morar por alguns anos em Vitória, no Espírito Santo, e depois em Itabira, em Minas, as principais bases da mineradora, à época.

O passo seguinte foi voltar à capital goiana, onde ela prosseguiu seus estudos, mudando de rumo. Cursou Letras na Universidade Federal de Goiás e fez mestrado em Psicologia da Educação na PUC local. E, no doutorado, na USP, em São Paulo, ela defendeu tese sobre o filósofo suíço Jean Piaget, revolucionário da pedagogia.

Ali, já se delineava seu futuro profissional. O tema a forçou a ir à Europa pesquisar em arquivos e visitar escolas. Tese aprovada, o próximo passo seria montar uma escola. Antes, porém, fez estágio com o professor e escritor Lauro de Oliveira Lima, respeitado educador que já mantinha um centro educacional dessa linha, no Rio de Janeiro.

Vencidas essas etapas, em

1980 Graça criou a Escola Piaget, inicialmente infantil, mas que hoje é um dos principais colégios de Goiânia. No começo, porém, ela teve que enfrentar a artilharia conservadora local, que criticava o feitio libertário, inovador, do seu centro de ensino. Mas ela rebatia com conhecimento, sabedoria e elegância, desarmando os incomodados.

Na defesa das liberdades, ela sempre evocou a memória de seu avô paterno:

“Vô Tônico era um mel para as crianças. Todos gostavam dele. Na Abolição, muitos escravos ficaram com ele, todos que ele podia arcar, mas outros acabaram ficando dentro de casa e nunca mais saíram... eu conheci a Pudina e suas filhas, descendentes de uma que não foi embora porque gostava dele.”

Em passado bem remoto, parte da família de Graça morava numas terras na estrada que leva ao morro da Igrejinha do Rosário, atração turística da Cidade de Goiás. É nesse local que ela mora hoje em dia, quando está na cidade. Transformou a casa antiga, tombada como patrimônio histórico, em pousada que leva o nome de D. Sinhá, sua avó.

Seu pai era funcionário público, procurador da Fazenda, e se mudou pra nova capital do Estado a trabalho. Por isso, ela nasceu, em 1953, e cresceu em Goiânia. Sua mãe era dona de casa, mas exercia na vizinhança seus predicados como enfermeira de guerra, pois esteve prestes a integrar as tropas brasileiras na 2ª Guerra, na Europa.

As diferenças entre a nova e a antiga capital são sempre marcantes nas reminiscências de Graça, a partir do próprio cenário topográfico:

“Sempre gostei da morra-

ria, tão diferente da planura de Goiânia, dos rios, dos piqueniques que vovô fazia questão de fazer com toda a família no rio Bagage, com paçoca, muitas frutas, suas pedras. A Serra Dourada... (ai, que lindeza!)... mas mesmo vovô tendo lá subido muitas vezes, quando criança nunca fui lá... mas descontei depois de adulta.”

Vale dizer que a Serra Dourada é o resplandecente cenário de fundo da Cidade de Goiás, mas intransponível por aquele lado. Seu topo só é atingível por um caminho que se inicia a 40 quilômetros dali, no município de Mossâmedes, que fica na sua parte posterior.

Há alguns anos, Graça recebeu o título de cidadã honorária da antiga capital do Estado, o que apenas oficializou uma situação de fato. E foi também ali que, após separar-se do primeiro marido, ela conheceu o historiador Paulo Betran, com quem conviveu intensamente até o passamento dele, em 2005.

Ele foi passar uns meses no local com a finalidade de pesquisar arquivos e escrever o livro “Cidade de Goiás – Patrimônio Histórico da Humanidade”. Ao se aproximarem ocasionalmente, ele percebeu nela, segundo narrou, um profundo conhecimento da cidade, o que despertou uma forte amizade, logo convertida em sólido casamento.

Os dois dividiram a casa-biblioteca que Bertran havia construído numa antiga pedreira que comprara próximo à barragem do Lago Paranoá, em Brasília. Entre as melhores lembranças que ela guarda daquele espaço estão os momentos em que tocavam piano juntos, com ela lendo as partituras.

Ali, juntos também, criaram o Memorial do Cerrado, importante centro cultural, por resgatar a história da terra e do homem no Planalto Central do País. A começar por enormes reproduções de inscrições rupestres nos contrafortes.

Graça teve dois filhos, Vicente Augusto e Maria Paula, ambos com o primeiro marido. E criou uma neta, filha de Vicente, como sua própria filha, pois o pai separou-se da mulher e morou muitos anos no exterior. Hoje, ele é artista plástico e mora na Cidade de Goiás.

No momento, Graça está trabalhando na estrutura do Caminho de Letras, Árvores e Palmeiras. É um projeto de arborização e educação ambiental na sua chácara na Cidade de Goiás, pra que “a moçadinha de hoje aprenda um pouco das árvores, um pouco do Cerrado, um pouco da natureza, que é Deus em forma material”.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



# VIDA PACATA EM OLHOS D'ÁGUA

Zezé Weiss

Amenidades da vida moderna: agência bancária, caixa eletrônico, cartão de crédito, internet rápida, nada disso tem não em Olhos D'Água, povoado goiano localizado no município de Alexânia, no estado de Goiás, no meio da estrada entre Brasília e Goiânia.

O que tem de sobra ali é prosa na Praça da Matriz, artesanato pra toda banda – alguns premiados, outros reconhecidos no Brasil inteiro, como os de Fatinha Bastos, Lourenço Silva e Maria da Abadia, e carroça “trombando” com carro de turista.

Tem também a imensa variedade dos remédios no Museu da Raiz, uma portinha simples, cheia de anotações pelas paredes, um dos “museus” mais antigos do Planalto Central segundo sua raizeira, Dona Cecília.

Morando em Olhos D'Água tem pouca gente, cerca de 1 mil almas, diz o Censo do IBGE. Mas, no final de semana, a vila enche de colorido e de gente de toda tribo – artesãos, artistas, intelectuais, ou mesmo de gente que só quer um pouco de paz e uma vida pacata.

Isso quando não é tempo da Feira do Troca, que ocorre no segundo final de semana de junho e dezembro, desde 1974. Ai Olhos D'Água ferve com a presença de mais 10 mil pessoas, que vão pro “Troca” mais por conta da tradição do que da precisão. Mas que, em qualquer tempo, com ou sem “Troca”, sempre volta de Olhos D'Água com mais paz no coração.

## COMO CHEGAR

De Brasília, é só seguir pela BR-060, rumo Goiânia, até Alexânia, que fica no Km 85. Chegando em Alexânia, entre na Avenida Comercial e vá até o último barracão, onde começa a GO-139. Siga por 10 Km até chegar a outro trevo, onde existe uma placa indicando entrada para Olhos D'Água, à esquerda. Daí até o povoado são mais 5 km. Não tem erro!



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental  
@zezeweiss

Foto: Janete Faria



ECOTURISMO



Fotos: Fotostrada.com



Foto: Néio Lúcio



## Começam as aulas em entidades apoiadas pela OSCIP Moradia e Cidadania do DF

*No Distrito Federal, a entidade prioriza duas regiões: Cidade Estrutural e Santa Maria. Presidente da Fenae destaca a importância da colaboração dos empregados da Caixa Econômica Federal*

Começaram no mês de março as aulas para cerca de 300 crianças e jovens que são atendidos nas instituições apoiadas pelo OSCIP Moradia e Cidadania no Distrito Federal. As entidades executam projetos em cidades consideradas em situação de vulnerabilidade social, beneficiando comunidades de baixa renda. Hoje, a coordenação DF prioriza duas regiões administrativas do DF: Cidade Estrutural e Santa Maria.

A primeira delas é conhecida por ter o maior lixão da América Latina, que ainda está em funcionamento. Muitas famílias da região sobrevivem da atividade de reciclagem de materiais recolhidos no local. Já Santa Maria está entre as seis cidades com o maior índice de violência do Distrito Federal. Entre os problemas, está a atuação de jovens infratores levados ao crime por causa das drogas ilícitas.

“É de extrema importância que esses adolescentes e crianças sejam bem recebidos e se sintam acolhidos nos projetos. Esse acompanhamento por parte da Moradia e Cidadania junto das Instituições evita vários problemas como a evasão escolar e a marginalidade”, esclarece o coordenador da entidade, Júlio Gonzaga.

Conheça os projetos financiados pela Moradia e Cidadania no DF:

### Instituto Reciclando Sons

Atende moradores da Cidade Estrutural e utiliza a música como instrumento para a educação, prevenção de drogas e marginalidade, profissionalização, inclusão social e cultural.

### Associação Atlética Santa Maria

Atua em três frentes: geração de renda, com a profissionalização da comunidade nas áreas de manicure e cabeleireiro; prevenção do namoro e gravidez precoces para meninas entre 8 e 14 anos de idade; e uma escola de futebol para meninos entre 6 e 12 anos de idade.

### Corrente do bem

Criada em 1993, por iniciativa dos empregados da Caixa Econômica Federal, a OSCIP Moradia e Cidadania desenvolve projetos sociais em todo o país, por meio das Coordenações Regionais. O foco principal da entidade é suprir as necessidades voltadas às áreas de educação, saúde e geração de trabalho e renda, além do combate à fome e à miséria. Para isso, promove o voluntariado e o intercâmbio com outros atores do desenvolvimento social.

O presidente da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenae), Jair Pedro Ferreira, destaca que a contribuição dos colegas de banco em todo o país é fundamental. “Por isso, incentivamos que eles procurem a ONG da região e participem dessa corrente do bem”, afirma.



Para saber mais acesse: <http://www.moradiaecidadania.org.br>  
Página no Facebook: [www.facebook.com/moradiaecidadaniadf](http://www.facebook.com/moradiaecidadaniadf)  
E-mail para contato: [coordenacaodf@moradiaecidadania.org.br](mailto:coordenacaodf@moradiaecidadania.org.br)

# POPULAÇÃO YANOMAMI CONTAMINADA POR MERCÚRIO

Eduardo Pereira

A região do extremo norte da Amazônia brasileira, onde vive o povo indígena Yanomami, é rica em ouro e outros minérios. Infelizmente, para os Yanomami, essa tem sido sua maior maldição.

Os resultados de um estudo recente, conduzido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA), mostram que invasão contínua e ilegal de garimpeiros à Terra Indígena Yanomami tem trazido graves consequências para a saúde dos Yanomami: em algumas aldeias, até 92% das pessoas examinadas encontram-se contaminadas por mercúrio.

Por solicitação das associações indígenas Hutukara Associação Yanomami (HAY) e Associação do Povo Ye'kwana do Brasil (Apyb), em novembro de 2014 uma equipe de pesquisa coletou 239 amostras de cabelo em 19 aldeias, e 35 amostras de peixes, parte essencial da dieta indígena nas regiões de Papiú e Waikás, onde residem as etnias Yanomami e Ye'kwana. Priorizaram-se os grupos mais vulneráveis à contaminação: crianças, mulheres em idade reprodutiva e adultos com algum histórico de contato direto com a atividade garimpeira.

Segundo a equipe de pesquisa, o caso mais alarmante foi o da comunidade Yanomami de Aracaçá, na região de Waikás, onde 92% do total das amostras apresentaram alto índice de contaminação. Essa comunidade, entre todas as pesquisadas, é a que tem o garimpo mais próximo. Na região do Papiú, onde foram registrados os menores índices de contaminação – 6,7% das amostras analisadas – a presença garimpeira é menos acentuada.

## COMO SE DÁ A CONTAMINAÇÃO POR MERCÚRIO

O uso do mercúrio faz parte do processo tradicional utilizado no garimpo para viabilizar a separação do ouro dos demais sedimentos. Uma parte dele é despejada nos rios e igarapés e a outra é lançada na atmosfera. Uma vez na atmosfera, ele acaba caindo nas proximidades das áreas de exploração. As águas dos rios e os peixes que ingerem o mercúrio podem levá-lo para regiões mais distantes. A contaminação de seres humanos se dá especialmente através da ingestão de peixes contaminados, sobretudo os carnívoros e de tamanho maior.

Fonte: Instituto Socioambiental (ISA)  
www.socioambiental.org/pt-br



Coleta de amostras cabelo de moça Ye'kwana na aldeia Maloca Nova, região de Waikás. Foto: Marcos Wesley/ISA, 2015

Coleta de amostra de cabelo de rapaz Yanomami na comunidade de Aracaçá, região de Waikás. Foto: Marcos Wesley/ISA, 2015

## EFEITOS DA CONTAMINAÇÃO POR MERCÚRIO

O mercúrio é um metal altamente tóxico e seus danos costumam ser graves e permanentes: alterações diretas no sistema nervoso central, causando problemas de ordem cognitiva e motora, perda de visão, doenças cardíacas entre outras debilidades. Nas mulheres gestantes, os danos são ainda mais graves, pois o mercúrio atinge o feto, causando deformações irrecuperáveis.



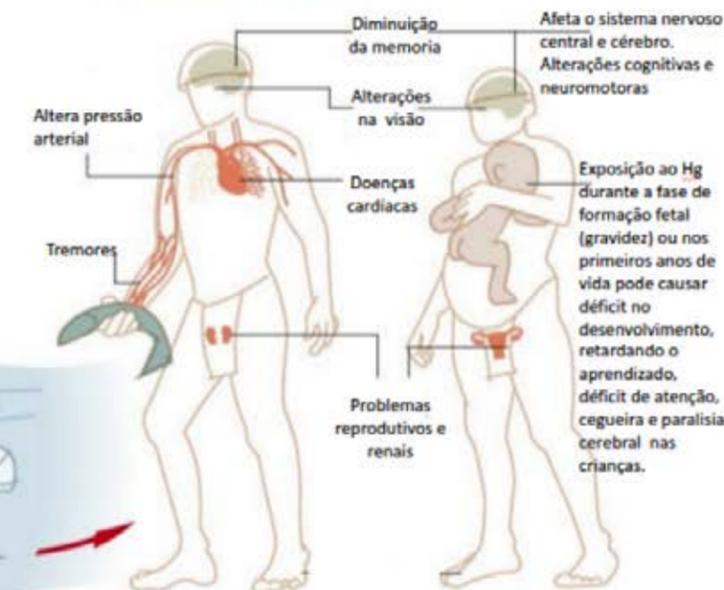
Eduardo Pereira  
Produtor Cultural  
@weiss\_guru

## Por que o mercúrio (Hg) do garimpo, representa um risco para as pessoas que não praticam essa atividade?

### PROCESSO DE GARIMPO ARTESANAL



A ingestão de peixe contaminado por mercúrio é a principal fonte de exposição de metilmercúrio para humanos. Podendo atingir níveis que causam efeitos nocivos na saúde



Crédito: El Universal com informações do Programa das Nações Unidas para Meio Ambiente. Avaliação Mundial sobre o Mercúrio 2002 / Natural ResourcesDefenseConcil. Os efeitos do mercúrio



TEM NOVIDADE NA  
CONTA DE LUZ EM ABRIL:  
**REDUÇÃO  
NA TARIFA.**

**BANDEIRA TARIFÁRIA VERDE:  
MAIS ECONOMIA PARA TODO MUNDO.**

E isso só aconteceu porque todos fizeram a sua parte. O Brasil construiu novas usinas de energia renovável. Você ajudou com o consumo consciente e combate ao desperdício. E a natureza mandou mais chuvas, enchendo os reservatórios.

**Consumo consciente. Nossa melhor  
bandeira por um mundo sustentável.**

# O MITO DO ROMÃOZINHO

Ieda Vilas-Bôas

O mito de Romãozinho percorre o imaginário do meu povo e habitou minha infância e a de muitas outras crianças e adultos dessa região que encanta a todos por sua beleza e seu esplêndido acervo cultural. O meu Romãozinho (re)conta a história de um menino muito levado que, com suas peraltices e mentiras, ocasionou uma tragédia familiar.

A contação desse mito tem a intenção de resgatar a memória das histórias perpetuadas pela oralidade e de fazer com que nossas crianças possam assumir, com orgulho, sua terra, seu lugar. Romãozinho é a materialização do povo cerratense, povo que vive no Planalto Central do Brasil.

Os mitos e lendas cerratenses despertam em mim o de-

sejo de deixar em texto escrito o modo de falar dos antigos, os seus causos que embalavam e apressavam nossos sonos e sonhos, com todas as possíveis e impossíveis histórias reais ou inventadas. Essas histórias foram se remontando em minha cabeça e, agora, saem da oralidade e tomam a forma poética de minha escrita. Boa leitura!

Romãozinho era o filho mais velho de Seu Romão e Dona Joana. Um caboclinho nascido lá pelas bandas do Furado-Capim, Que fica bem no centro do Centro-Oeste, No coração do Brasil.

O menino foi crescendo, rasgando a vida no peito. Romãozinho era um menino levado. Colecionava traquinagens e diabruras: Mentia, xingava, brigava... Até dava sapituca. Sua mãe bem que tentava... O velho pai bem que pedia... E o Romãozinho? Na mais pura estripulia! E assim... Plantando terrores, Colhendo horrores, Romãozinho cresceu.

Dava nó no rabo do gato, Colocava sal nas costas do sapo, Punha açúcar na comida, Amarrava latas no rabo do cachorro e mais, Tinha prazer em quebrar os ovos das galinhas. Romãozinho não tinha jeito, não! Se a mãe pedia um favor - não fazia. Se o irmão estava brincando - atrapalhava. Não gostava de estudar. O menino não queria nada com nada! - Romãozinho, Romãozinho, venha almoçar! Fiz galinha com arroz. - Eu quero o peito. Quero a coxa!

A mãe, cheia de carinho,

Explicava que aqueles pedaços Estavam reservados para o pai Que trabalhava na roça. O moleque não entendia. Resmungava, discordava e fazia troça.

Um dia, Romãozinho foi levar a comida Para seu pai. No caminho, ele parou e comeu a carne todinha Dos pedaços da galinha. Quando o pai abriu a marmitta, Não tinha galinha nenhuma. Só os ossos! O pai ficou muito bravo, e Romãozinho ficou acuado. - Foi a mãe que mandou assim, meu pai! Ela deu toda a carne da galinha pra visita. - Que visita? Indagou o pai. - O senhor não sabia? Um homem que ficou lá conversando com ela.

O pai, furioso, homem ciumento e bravo que era, Largou a enxada, ajeitou o chapéu na cabeça e... Rumou para sua casa Para apurar aquela história. O pai não se conformava em ter sido passado para trás E nem deu tempo de a mulher se explicar: - Mulher, você vai morrer pela afronta que me fez Mandando ossos para o meu almoço! E assim o pior aconteceu. Antes de a pobre mulher fechar os olhos eternamente, Rogou uma praga contra o filho: - Você vai perambular pelo resto da sua vida, Que não vai ter fim, À procura de galinha para saciar a sua fome que nunca vai se acabar.

Dizem que, até hoje, Romãozinho percorre os telhados, Atraído pelo cheiro gostoso de alho e tempero fritos No óleo e de galinha cozinhando. Quando a cozinheira é descuidada ele... Zás! Rouba o peito do frango e sai em disparada. Outras vezes, quando não consegue, Ele fica nervoso e joga pedras nas casas. Eita, caboclinho ruim!

Então, agora, preste bastante atenção: Quando a comida em sua casa for galinha, Confira se o peito está na panela Ou cuidado com a chuva de pedra

Conselho útil para afastar o Romãozinho, ou não ser incomodado por ele: Faça uma oração pelas almas e assovie uma bela canção. Não sabe, não?! Ih...! Você está encrencado!



**Ieda Vilas-Boas**  
Escritora



# CONSELHOS ECOLÓGICOS DO PADRE CÍCERO ROMÃO

Leonardo Boff

O Padre Cícero Romão Batista, um dos ícones religiosos do povo nordestino e brasileiro, teve, ainda no início do século XX, uma sensível percepção ecológica. Elaborou preceitos que ensinava aos sertanejos (Veja o livro *Pensamento vivo do Padre Cícero*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988):

- Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau;
- Não toque fogo nem no roçado nem na Caatinga;
- Não cace mais e deixe os bichos viverem;
- Não crie o boi nem o bode soltos: faça cercados e deixe o pasto descansar para refazer;
- Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca sua riqueza;
- Faça uma cisterna no oitão da sua casa para guardar a água da chuva;
- Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta;
- Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá, ou outra árvore qualquer, até que o sertão seja uma mata só;
- Aprenda a tirar proveito das plantas da Caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca;
- Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando, e o povo terá sempre o que comer;
- Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão vai virar um deserto só.

Todas estas dicas teóricas (mente) e práticas (mãos) podem nos conferir a esperança de que é possível alcançar a sustentabilidade da vida, da humanidade e da Terra. As atuais dores não são de morte, mas de parto, de um novo nascimento. A Terra e a humanidade vão continuar e vão ainda irradiar, pois para isso existimos dentro do processo da evolução em aberto.



**Leonardo Boff**  
Filósofo, Teólogo, Escritor  
leonardoboff.com  
Excerto do livro *Saber Cuidar*,  
18ª Edição, Editora Vozes, 2014

# MERCOSUL MUDA O NOME DO AGROTÓXICO

Zezé Weiss

Agrotóxico todo mundo sabe o que é: são os venenos usados na agricultura que fazem mal à saúde humana. Produto Fitossanitário, alguém sabe o que é? Pois para o Parlamento do Mercosul (Parlasul), produto fitossanitário é o novo nome do agrotóxico.

A proposta de mudança do nome "agrotóxico" para "produto fitossanitário" foi aprovada pelo Parlasul em março de 2016 com o voto da representação brasileira e com o apoio da Frente Parlamentar Agropecuária (FPA).

Em nota, a FPA informou que a mudança de terminologia "tem o objetivo de facilitar os negócios de produtos brasileiros no Mercosul, alinhando as nomenclaturas usadas pelos produtores agrícolas de outros países".

No Brasil, o projeto de

Lei que pretendia substituir a palavra "agrotóxico" por "produto fitossanitário", do Senador Alvaro Dias (PV-PR), foi arquivado pelo próprio Senador depois de fortes críticas do movimento ambientalista. O anúncio foi feito em Curitiba no dia 30 de março pelo deputado estadual Rasca Rodrigues (PV).

Segundo Rasca, Dias voltou atrás porque a aprovação do projeto poderia aniquilar o conceito de agricultura orgânica no Brasil. "O termo fitossanitário já existe no país e é utilizado apenas em produtos permitidos na legislação de orgânicos, sem veneno. A exclusão do termo "agrotóxico" seria a exclusão da agricultura orgânica, pois misturaria tudo".

Mas por aqui ainda existe a possibilidade de mudança do nome do agrotóxico. O

Projeto de Lei 3.200/2015, de autoria do deputado Covatti Filho (PP-RS), em trâmite na Câmara dos Deputados, cria a Política Nacional de Defensivos Fitossanitários", que não somente inclui os agrotóxicos em geral como produtos fitossanitários, mas também classifica os transgênicos como fitossanitários.

Representantes dos movimentos ambientalista e do campo, vinculados à agricultura familiar e à agroecologia advertem, entretanto, que qualquer seja o nome aprovado no Parlamento Brasileiro, "Agrotóxico vai continuar sendo agrotóxico e vai continuar fazendo mal à saúde humana e à vida na Terra".



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental  
@zezeweiss

# Pague em dia seu IPTU 2016 e aproveite os descontos

## 50%

Até 11 / 04 / 2016

## 30%

Até 09 / 05 / 2016

## 20%

Até 10 / 06 / 2016

Imprima seu carnê no site [valparaisodegoias.go.gov.br](http://valparaisodegoias.go.gov.br)

Valparaíso de Goiás foi apontado pelo Ranking Nacional de Transparência do Ministério Público Federal como o município mais transparente do entorno de Brasília e o quinto do estado de Goiás.

Acompanhe a nossa prestação de contas no Portal da Transparência.

# UM MOSQUITO NÃO É MAIS FORTE QUE UM PAÍS INTEIRO.

Cuide da sua casa, mobilize a família,  
seus vizinhos e a sua comunidade.



Participações voluntárias de Drauzio Varella e da atriz  
Camila Pitanga (Embaixadora Nacional da ONU Mulheres Brasil).

O país inteiro está se mobilizando para combater o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, da chikungunya e do vírus Zika, que pode causar microcefalia em nossos bebês. A saúde da população está em jogo e eliminar os criadouros do mosquito é um dever de todos os brasileiros. **Faça a sua parte.**

#ZIKAZERO

DISQUE SAÚDE  
**136**  
Ouvidoria Geral do SUS  
[www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA